

## A INFLUÊNCIA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ROTINA FAMILIAR E A CONTRIBUIÇÃO DA TERAPIA OCUPACIONAL

**CÁSSIA SOUZA DE ARAÚJO<sup>1</sup>; EDUARDA SOCOOWSKI HERNANDES MIRAPALHETA PIRES<sup>2</sup>; TATIANE DA SILVA CASSAIS<sup>2</sup>; NICOLE RUAS GUARANY<sup>3</sup>; RENATA CRISTINA ROCHA DA SILVA<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – araujoscassia@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – eduardasocoowskip@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – tati\_cassais@hotmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – nicolerg.ufpel@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – renataufpel@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta-se como uma síndrome que traz impactos ao desenvolvimento, podendo o indivíduo exibir déficits na comunicação, interação social, manifestando comportamentos e interesses restritos. Ainda, podendo externar estereotipias, movimentos repetitivos, alterações sensoriais, inflexibilidade relacionada à rotina e agressividade (DSM-5, 2014). Evitando perdas na participação e desempenho de atividades cotidianas, a Terapia Ocupacional utiliza de ocupações como intervenção para aprimorar habilidades e funções do paciente objetivando a viabilização de independência e autonomia (AOTA, 2015).

Devido às manifestações clínicas, é preciso desprendimento diário por parte dos responsáveis para realizar os cuidados necessários. Assim, o bem-estar geral da família pode ser abalado, favorecendo o desenvolvimento de estresse, problemas de saúde, alteração da rotina, pressão financeira em razão da busca por atendimentos e sentimento de culpa. Para além, pais de crianças com o transtorno possuem altos índices de divórcio (KARST; VAN HECKE, 2012).

Desse modo, é fundamental acompanhar não somente o paciente, mas também a família, pois seu bem-estar pode comprometer os efeitos positivos dos atendimentos. Portanto, o atual estudo objetiva o relato das dificuldades encontradas na rotina familiar e os ganhos obtidos através dos atendimentos da Terapia Ocupacional com crianças diagnosticadas com TEA.

### 2. METODOLOGIA

As informações foram coletadas por alunas da Terapia Ocupacional a partir de itens de uma avaliação semi-estruturada realizada com cuidadores de pacientes diagnosticados com TEA atendidos no projeto de extensão Vive-Neuro da Universidade Federal de Pelotas. Os itens consistiam nas perguntas: “Já conhecia a Terapia Ocupacional?”, “O que o levou a procurar o serviço?”, “Quais as dificuldades encontradas na rotina familiar? Essas dificuldades alteram sua rotina?” e “Foi observada diferença após o início dos atendimentos? Quais?”.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram coletados dados de treze cuidadores. Entretanto, quatro foram excluídos (um em razão do tempo de acompanhamento – dois atendimentos – e três não responderam a avaliação), totalizando nove participantes. Analisando os

dados, foi possível observar a percepção dos cuidadores sobre sua rotina e efeitos provenientes dos atendimentos.

Sobre o conhecimento da profissão, os resultados demonstraram que oito responsáveis desconheciam a Terapia Ocupacional e apenas um afirmou o esclarecimento, sendo graduando do curso. Todos os cuidadores procuraram o serviço em razão do encaminhamento recebido pelo médico neuropediatra.

No que diz respeito às dificuldades que alteram a rotina familiar, três responsáveis relataram problemas em comunicar-se com a criança – não escuta ou não obtém resposta -, dois descreveram contrariedade no momento de acatar comandos e três identificaram temperamento instável cotidianamente. Três declararam que as crianças apresentaram dificuldade na coordenação motora, prejudicando a autonomia nas atividades de vida diária, quatro evidenciaram a seletividade alimentar como agravante para a alimentação. Por fim, dois cuidadores citaram resistência familiar relacionada ao diagnóstico.

Relacionado aos avanços, oito cuidadores referiram melhora significativa após o início dos acompanhamentos e um expôs neutralidade quanto a isso. Sete mencionaram alterações positivas na comunicação e três relataram progresso na participação. Ademais, três perceberam melhora no comportamento, três identificaram evolução da interação social, dois notaram aumento da tolerância à frustração e dois alegaram maior variedade na ingestão de alimentos. Para mais, dois responsáveis relataram progressos na coordenação motora.

Analizando os resultados, nota-se a dificuldade da amostra em responder a pergunta direcionando-a ao contexto familiar. Esse achado demonstra a disposição do núcleo familiar centrada no indivíduo com TEA. Outros estudos apoiam esse desfecho, associando a organização da família às necessidades da criança, como realizar atividades da vida diária, cumprir com o itinerário terapêutico, evitar crises de comportamento, entre outros (MINATEL, MATSUKURA; 2014; FAVERO-NUNES; DOS SANTOS, 2010). Com isso, destaca-se o cuidado como fator estressante pela sobrecarga da família, pois as características clínicas podem resultar, de acordo com a severidade do transtorno, na inabilidade do sujeito em realizar individualmente diversas tarefas ocupacionais (MATSUKURA; MENECHELI, 2010).

Relativo aos ganhos com os atendimentos, a Terapia Ocupacional favorece no processo de inclusão e participação social da criança utilizando diferentes métodos teóricos, como a intervenção contextual, que considera o ambiente em que o indivíduo vive no planejamento dos atendimentos (GONÇALVES, 2018). As intervenções com o público infantil utilizam o brincar como forma de desenvolver o pensamento, a linguagem, o treino de habilidades sociais e atividades de vida diária (JOAQUIM et al., 2018). Como evidenciado por Alvarenga (2017), o terapeuta ocupacional pode possibilitar avanços no funcionamento coletivo da criança, prevenindo comorbidades futuras como transtornos ansiosos e depressivos, em razão da não aceitação em seus ciclos de convivência.

#### 4. CONCLUSÕES

Através do presente estudo, foi possível realizar reflexões acerca da importância da intervenção contextual no acompanhamento de crianças com TEA. É imprescindível incluir os responsáveis nas intervenções, sendo a partir de instruções ou mediante escuta terapêutica. O afeto, doação e engajamento dos cuidadores são fundamentais. Contudo, o núcleo familiar também requer atenção. Também foi possível evidenciar ganhos substanciais após o início dos acompanhamentos, favorecendo diretamente em suas respectivas rotinas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Giulia Cristine. **Autismo leve e intervenção na abordagem cognitivo-comportamental.** 2017. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental) - Centro de Estudos em Terapia Cognitivo-Comportamental (CETCC), São Paulo, 2017.

AOTA. AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo - 3<sup>a</sup> ed. traduzida. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26, n. esp, p. 1-49, 24 abr. 2015.

FAVERO-NUNES, M.A.; DOS SANTOS, M.A. Itinerário terapêutico percorrido por mães de crianças com transtorno autístico. **Psicol. Reflex. Crit.**, v. 23, n. 2, p. 208-21, 2010.

GONÇALVES, W.C.H.; RAIOL, P.N.S.S.; JUSTINO, L.N.A.C. A estimulação cognitiva como recurso terapêutico ocupacional no tratamento do transtorno do espectro autista. **Journal of Specialist**, v. 1, n. 4, 2019.

JOAQUIM, R.H.V.T.; SILVA, F.R. DA; LOURENÇO, G.F. O faz de conta e as brincadeiras como estratégia de intervenção para uma criança com atraso no desenvolvimento infantil. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, v. 26, n. 1, p. 63-71, 2018.

KARST, J.S.; VAN HECKE, A.V. Parent and family impact of autism spectrum disorders: a review and proposed model for intervention evaluation. **Clinical Child and Family Psychology Review**, v. 15(3), p. 247–77, 2012.

**Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais:** DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992 p.

MATSUKURA, T.S.; MENECHELI, L.A. Famílias de crianças autistas: demandas e expectativas referentes ao cotidiano de cuidados e ao tratamento. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, v. 19, n. 2, p. 137-52, 2011.

SCHMIDT, C.; DELL'AGLIO, D.; BOSA, C. Estratégias de coping de mães de portadores de autismo: lidando com dificuldades e com a emoção. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 1, p. 124-31, 2007.